

A MULHER DOS SONHOS
THE BRIDE TAMER
Ann Major



Cansado da solidão, Cash McRay decidiu pedir em casamento a filha de um dos seus sócios. Ela seria a esposa perfeita, e ele, com o tempo, aprenderia a amá-la. Porém seus planos vão por água abaixo no momento em que conhece Vivian Escobar, a ex-cunhada da sua futura esposa. Ela era a encarnação de todos os desejos de Cash, mas, para Vivian, aquele atraente magnata americano tinha tudo para ser um novo pesadelo em sua vida.

Digitalização: Ana Cris
Revisão: Crysty

CAPÍTULO UM

Florença, Itália

— Arranca os olhos dele! Aí ele vai ver o que é dor! Cash estava com a mão na porta do auditório que dava

para o estacionamento e para o heliporto, quando ouviu os gritos ameaçadores. Roger, seu assistente, comentou num tom preocupado:

— Tem uma multidão gritando na praça. Felizmente as coisas mudaram desde Romeu e Julieta e eles não andam mais com espadas. Você vai poder sair daqui em segurança.

— O que está acontecendo? Eles tiveram meses para analisar meu projeto — disse Cash.

Cash McRay não era um covarde. Mas ficara paralisado com o bramido de cinco mil florentinos enfurecidos do outro lado da porta, ameaçando arrancar preciosas partes de sua anatomia. Seu corpo alto e musculoso parecia incapaz de se mover. Seus pés pareciam plantados no chão. As ameaças de morte aumentavam cada vez mais. Talvez devesse ter sido mais conservador. Sabia que o projeto futurista e modernista do museu era exagerado, mas esse conhecimento iria detê-lo? Claro que não.

— Que ironia. Os bons cidadãos de Florença querem me matar justamente quando comecei a me sentir vivo de novo — assim que acabou de falar, veio-lhe à mente momentaneamente vulnerável a visão que tanto assombrava seus pesadelos, sua amada Susana e a pequena Sophie jazendo inalcançáveis em seus ataúdes.

Felizmente a imagem fugiu-lhe quando sentiu a mão de Roger em suas amplas costas.

— Calma, ainda estão discutindo o que fazer com você. Uns querem matá-lo, outros esfolá-lo.

— Muito engraçado — rosnou Cash. O bom humor de Roger não estava sendo nem um pouco conveniente. — Você deveria estar na tevê.

— Você está ficando um velho resmungão.

— E se eles conseguirem seu intento vou ser um velho resmungando com voz de soprano.

— Incrível, você fez uma piada.

— A vida continua.

— Especialmente para quem conquistou Isabela Escobar. Corre um boato de que você vai pedi-la em casamento.

— Por que dar ouvidos a esse pessoal fofoqueiro?

— Muitas cartas perfumadas estão chegando da Cidade do México.

Cash se irritou. Pretendesse casar ou não, não era da conta de ninguém.

— Não poderei propor nada a ela se você não me tirar de Florença vivo.

Roger abriu a porta e empurrou-o.

— Corra, amante latino. Estou bem aqui, atrás de você! Baixando a cabeça e escondendo-a por trás da sua pasta

de couro, Cash atravessou a multidão que os musculosos seguranças a muito custo mantinham atrás do cordão de isolamento.

Abril começava e a noite era fria. O estacionamento estava lotado. O heliporto ficava a algumas centenas de metros. Os policiais formaram uma barricada humana ao longo do caminho para protegê-los, mas ainda assim mãos e braços desconhecidos estavam prestes a agarrá-lo quando Cash alcançou o helicóptero, habilmente evitando também os microfones diante de seu rosto moreno, aristocrático e famoso.

— Como você poderia construir esse monstrengo futurista em uma cidade famosa por sua beleza arquitetônica e sua história?

— Egoísta! Desconstrutivista! Modernista! Pós-moderno!

— Florença se orgulha de seu passado — bradou um homem forte e moreno. — Seu museu parece um caranguejo sentado em uma privada gigante!

Roger riu e gritou respostas indecorosas em seu primário italiano.

— Seu pai bilionário comprou as autoridades da cidade para que escolhessem seu projeto insano? — alguém perguntou no meio da multidão.

— Vanguardista, por favor — corrigiu Roger, mostrando seu sorriso de anúncio de pasta de dentes.

A referência a seu pai fez com que Cash se virasse justamente no momento em que foi atingido por uma pedra no ombro esquerdo.

— Sem comentários! — Roger gritou atrás dele, enquanto uma mão arrancava um de seus caros sapatos italianos.

— Pule, Cash, antes que os autóctones me deixem nu! Estou bem atrás de você — ouviu-se o ruído de uma calça se rasgando. — Uau! Larguem minhas calças! Ei! O filho da mãe quase me pegou. Pule! Você não é a única carne que eles querem para o churrasco.

As correntes rangeram com a pressão de um grupo de homens tentando abrir caminho pela cerca improvisada. Antes que os manifestantes alcançassem a escada, Cash e Roger estavam no helicóptero decolando. Cash recostou-se e suspirou, aliviado. Sua mão procurou o bolso da calça, certificando-se de que a caixa de veludo com o anel de noivado de Isabela ainda estava lá. Isabela era uma morena alegre tão otimista que talvez conseguisse fazer com que esquecesse sua derrota. Tentou lembrar de sua imagem. Mas novamente viu Susana, sua esposa, e Sophie, sua preciosa filha.

— Vocês estão bem? — perguntou Leopoldo.

Mal dava para se ouvir a suave e elegante voz do Conde Leopoldo acima do ruído do helicóptero decolando.

— Que tal um passeio pela *Galleria degli Uffizi*?

O bom Leopoldo, sempre companheiro desde o tempo em que dividiam o quarto em Harvard. Cash assentiu resignadamente. A *Galleria degli Uffizi* era um dos maiores museus renascentistas do mundo. Susana jamais fora a Florença sem visitá-lo...

Ele se virou para admirar sua criação pela janela. À luz do entardecer, ela de fato se parecia com um enorme caranguejo. O museu era seu primeiro projeto desde o incêndio de sua casa em San Francisco, a casa que ele projetara especialmente para Susana e que tinha causado tanto entusiasmo, dando-lhe notoriedade em todo o planeta. Estava na Europa, supervisionando a reforma das instalações da ilha particular de Leo, quando chegou a notícia de que o fogo devorara sua casa, levando tudo que importava para ele.

O barulho do helicóptero encobriu os gritos da multidão. As pessoas ficaram pequenas como formigas na rua lá embaixo. Enquanto sobrevoavam a Cidade Velha, viu as telhas vermelhas, as avenidas, as praças e o rio Arno, famoso e imprevisível, que avançara sobre a cidade em mais de uma ocasião, deixando atrás de si um rastro de destruição. Florença sobrevivera a desastres bem piores do que um prédio pretensioso. Leo perguntou se estava tudo bem com ele.

Cash lançou um olhar furtivo para Leo.

— Tinha esquecido como era divertido ser o mais odiado arquiteto 'pop' do planeta.

— Arquiteto polêmico — corrigiu Roger. — Caramba, é uma maravilha. Amanhã você estará na primeira página de todos os jornais da Europa.

— Como você pode ser tão otimista, quando o povo quer me matar?

— Os italianos, principalmente os florentinos, são uns idiotas passionais — disse Leo. — Esqueça. Hoje nós odiamos você, mas

daqui a quatrocentos anos vamos endeusá-lo.

— Que pena que quando isso acontecer só restarão minhas cinzas — disse Cash.

— Ele teme boas novas porque acha que para compensar sempre aparecem más notícias — falou Roger com seu jeito irônico para Leo.

— Tudo bem, Cash, eu lhe dou as más notícias. Perdemos a concorrência de Nova York.

Cash pôs as mãos na cabeça e sentiu a familiar sensação do desespero criativo. Passou suas mãos gigantescas pela espessa cabeleira negra. A maioria das pessoas não sentia compaixão por ele; mesmo depois da morte de Susana, diziam que ele ainda tinha muito que aproveitar na vida.

— Você tem seu talento, seu nome, sua juventude... — diziam. Ele sabia, porém, que na verdade estavam falando do seu dinheiro. Se um homem era rico, tinha que ser feliz. Não sabiam de nada. Dinheiro, o tipo de fortuna que ele possuía, afastava-o de quase todo mundo, de alguma forma tirando sua humanidade, afastando-o da realidade. Vivia entre quatro paredes, algumas vezes em total isolamento. Por isso mergulhava no trabalho. Mas a angústia era real e ele sofria como qualquer outra pessoa.

Ele amava sua mulher e sua filha. Se soubesse o tempo de que dispunha ao lado delas, jamais teria se afastado delas com tanta freqüência para trabalhar em lugares tão distantes. As pessoas pensavam que, como sua foto estava sempre nas revistas, ele levava uma vida glamourosa.

— Você vai casar de novo — diziam. — Um homem como você pode ter qualquer mulher.

No começo, ele achava que casar de novo seria uma traição a Susana. Mas quase três anos haviam se passado e estava se tornando cada vez mais difícil viver só de memórias. Dois meses antes passara na Cidade do México para visitar seu velho professor, Marco Escobar,

recuperando-se de um enfarte. Enquanto conversavam, Isabela entrou correndo no quarto em que seu pai estava hospitalizado e deixou cair o xale. Quando se abaixou para pegá-lo, suas mãos se tocaram. Ela agradeceu com tanta simpatia que ele, pela primeira vez depois da morte da sua mulher, sentiu um vago interesse. E pensou que talvez... talvez...

— O projeto de Manhattan foi realmente sensacional, Cash — disse Roger. — É a opinião de todos. Você está à frente de seu tempo. Olhe pelo lado positivo. Pelo menos, você não vai construir uma obra que fará com que os nova-iorquinos queiram seus testículos e eu não perderei outro sapato caro. Os nova-iorquinos são mais violentos do que os italianos, você sabe.

— Talvez. Mas os nova-iorquinos também são mais receptivos à arquitetura moderna.

Tão logo entrou no Uffizi, Cash se arrependeu. Apesar das paredes do museu exibirem os melhores quadros da Renascença italiana, o cheiro de mofo do velho prédio e das pinturas deixaram-no sufocado. As memórias ainda eram muito doloridas; o fantasma de Susana ainda estava muito vivo. Mal percebia a beleza daquelas obras-primas vagamente iluminadas.

— Eu estava com Susana na última vez que vim aqui — suspirou.

— Eu sei — disse Leo, compadecido. Mas ele era um homem do mundo. Sua primeira mulher havia morrido em um acidente automobilístico e ele estava no terceiro casamento, com uma bela modelo parisiense.

Caminharam até alcançarem uma galeria nos fundos. Subitamente, foram tomados pela visão do "Nascimento de Vênus", de Botticelli. A última vez em que estivera ali com Susana, um glorioso sol de verão brilhava do lado de fora. Cash queria ficar ao ar livre, andar pelas ruas ensolaradas, dar comida aos pombos e contemplar os prédios. Amava

aquela cidade, na qual passara a lua-de-mel. Mesmo na lua-de-mel, Susana o tirara da cama para visitar o Palácio Uffizi todas as tardes, não porque o prédio era um dos mais importantes exemplares da arquitetura barroca italiana, mas porque ela amava Botticelli.

— Se Botticelli fosse vivo eu morreria de ciúmes dele — brincou uma vez com ela.

Ela sorria enquanto percorria as galerias e sempre terminava ali, contemplando o "Nascimento de Vênus".

— É a representação visual do nascimento do amor no mundo — explicou ela, passando o braço pelas costas de Cash.

— Você é a representação visual do amor para mim — ele respondera.

— Esta visita vai lhe fazer bem. — Leo interrompeu seus pensamentos.

— A gente deve exorcizar os fantasmas.

— É possível? — Cash perguntou, em dúvida.

— Posso lhe apresentar mulheres maravilhosas, capazes de fazer um homem esquecer qualquer coisa... pelo menos por um tempo.

Cash pensou em Isabela e desejou que ela tivesse esse poder.

— Vocês, italianos...

— Os homens são iguais em todos os lugares. — Leo fez uma pausa.

— Quando o vi no enterro...

— Não.

Mais uma vez soaram na mente de Cash as palavras de sua madrasta, dizendo que precisavam fechar os caixões e por um momento a galeria ficou tão silenciosa quanto a morte.

— Esta Vênus é um dos nus mais sensuais da Renascença — disse Leo.

— Você conhece o mito?

— A pintura é bonita.

— Bonita? Que adjetivo tímido! Sem ousadia! Vocês, americanos, construíram sua língua em cima dele.

— O mito não é tão bonito. Tem aspectos horripilantes. Leo assentiu e Cash se inclinou para frente, a fim de ler

uma placa na parede que contava o mito. Gaia, a Terra, convenceu seu filho Cronos, o Tempo, a castrar seu vilanesco pai, Urano, o Céu, para depois atirar sua genitália no mar e assim vingar a morte de seus irmãos. Os testículos flutuaram sobre a superfície da água, produzindo uma espuma branca da qual nasceu a irresistível Afrodite ruiva que ele via na pintura. Os romanos adotaram o mito, e Botticelli, sendo italiano, usou o nome latino Vênus. Segundo a placa, os ventos carregaram a espuma pelos mares revoltos e ela nasceu na costa de Citera. Quando a espuma desaguou nas praias do Chipre, ela emergiu das águas e se ofereceu aos deuses.

— Eu sempre esqueço como essa Vênus ruiva de Botticelli é estonteante. — Leo quebrou o silêncio. — Os deuses se apaixonaram por ela à primeira vista.

Talvez tivesse sido tocado pelo clima da pintura. Por qualquer que fosse a razão, Cash tirou a pequena caixa de veludo do bolso e a abriu.

— Comprei um anel... para Isabela. — O diamante brilhou para eles. — Ela é charmosa, encantadora e sexy. Um amor de pessoa.

Leo pareceu surpreso e impressionado.

— Nada mau, casar-se com a filha de Marco. Eu diria que é mais uma sociedade do que um casamento.

— Para sua surpresa, meu caro, será um casamento.

— Quer dizer então que esse caso entre você e a bela Isabela foi amor à primeira vista?

Cash evitou os olhos do amigo.

— Hoje à noite vou para Londres — disse com uma certa gravidade. — Depois vou para a península de Yucatán. Ela, mora em Mérida.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Como filha de um arquiteto, ela entende meus sonhos e minha obsessão pelo trabalho. Temos os mesmos interesses e os mesmos amigos. Nosso amor tem tudo para florescer.

— Entendo — disse Leo compreensivo.

— Isabela é uma mulher perfeita sob todos os aspectos. — Cash continuou no mesmo tom de voz. — Mais cedo ou mais tarde o amor virá.

— Ela sabe de suas intenções?

— Da viagem, ela sabe. Que vou pedi-la em casamento não.

— Você é um tolo. — Leo riu. — As mulheres sempre sabem dessas coisas. Especialmente uma mulher como Isabela. Provavelmente ela está pensando no lugar mais romântico para você pedir a mão dela. Será uma noite de lua, haverá luz de vela e música suave. Vocês estarão numa praia ou na beira de uma piscina e ela estará com a sua roupa mais provocante. Ela estará de preto ou vermelho, dependendo do seu humor. Ela lhe fará uma pequena carícia e, antes que você perceba, estará de quatro.

— Não faz diferença alguma, pois vou pedir sua mão de qualquer maneira.

— Se esse não é um casamento de interesse e se não estamos falando de amor à primeira vista, qual a razão para você estar se metendo nesta aventura?

— Amor à primeira vista... na minha idade? Leo estava começando a irritá-lo.

— Você está com quanto? Trinta e cinco anos?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

